

## A midiatização dos refugiados nos Jogos Rio 2016<sup>1</sup>

Ana Isabel FREIRE<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### Resumo

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a midiatização de refugiados, grupo específico de migrantes cujo fluxo tem crescido sobremaneira nas últimas décadas, em diferentes regiões do planeta. A partir de operações de midiatização, a questão dos refugiados passa a ser discutida em diferentes espaços, dentre eles os Jogos Olímpicos Rio 2016, onde é explorada através do Time Olímpico de Refugiados (TOR). Buscamos assim entender como os refugiados são midiatizados a partir de discursos engendrados sobre a equipe através de publicações do Comitê Olímpico Internacional (COI). Por meio da análise realizada, observamos como a midiatização da questão dos refugiados possibilita a produção de sentidos acerca desses sujeitos, bem como em relação ao contexto social no qual essas populações estão inseridas.

**Palavras-chave:** Midiatização; Refugiados; Time Olímpico de Refugiados.

### 1. Introdução

A partir da segunda metade do século XX, a sociedade tem acompanhado o aumento no fluxo de migrantes em diferentes regiões do planeta, especialmente daqueles nomeados refugiados, sujeitos que, em razão de perseguições, guerras ou violações aos direitos humanos, se veem obrigados a deixar seu país, encontrando na migração a única forma de garantir sua sobrevivência.

Todo processo migratório tem suas especificidades, principalmente os deslocamentos forçados, cujo movimento não resulta de uma simples escolha dos indivíduos. Em nossa pesquisa, buscamos compreender o processo de midiatização dos refugiados a partir do olhar lançado sobre o caso do Time Olímpico de Refugiados (*Refugee Olympic Team*), equipe que competiu nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Intentamos analisar a questão a partir de um viés comunicacional, ou seja, nos propomos a construir um pensamento comunicacional sobre tal fato, partindo de uma perspectiva de sociedade em acelerado processo de midiatização.

Dentre os casos recentes através dos quais a questão das migrações de refugiados teve grande visibilidade, temos a criação e midiatização do Time Olímpico de Refugiados (TOR),

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019, em Porto Alegre (RS).

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Bolsista CNPq. E-mail: anaisabel\_freire@hotmail.com

---

equipe formada exclusivamente por atletas em situação de refúgio que participaram dos Jogos Olímpicos Rio 2016, realizados na cidade do Rio de Janeiro.

De modo inédito, o Comitê Olímpico Internacional (COI) anunciou a criação da equipe, numa ação realizada com o apoio do *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR) e que, de acordo com as organizações, teve como um de seus principais objetivos transmitir uma mensagem de esperança e encorajamento aos milhares de refugiados em todo o mundo, como fica evidente nas palavras do Alto Comissário da ONU para refugiados, Filippo Grandi: "Sua participação nas Olimpíadas é um tributo à coragem e à perseverança de todos os refugiados na superação da adversidade e na construção de um futuro melhor para si e suas famílias" (UNHCR, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>3</sup>.

O agravamento da crise humanitária coincidiu com o período de realização da 31ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão, evento promovido pelo COI e realizado na cidade do Rio de Janeiro, primeira da América Latina a receber as competições, que contaram com a participação de 207 delegações nacionais e 11.237 atletas.

Ao considerar o panorama mundial no que diz respeito à situação dos migrantes globais, especialmente das pessoas refugiadas ou em busca de refúgio, associado à iminência de realização da Olimpíada, o COI anunciou, em setembro de 2015, a criação da equipe e de um fundo emergencial de assistência a pessoas em situação de deslocamento forçado global. Além do auxílio aos refugiados, o planejamento do Comitê previa ainda a descoberta de atletas refugiados com potencial para participar dos jogos Rio 2016.

Por meio de um investimento no valor de dois milhões de dólares, proveniente do COI e do Fundo Solidariedade Olímpica, os comitês nacionais receberam recursos para “garimpar” atletas de alto nível que tivessem sido afetados pela crise migratória e que, naquele momento, se encontravam em situação de refúgio. Segundo informações divulgadas pelo comitê em março de 2016, 43 atletas com potencial para competir no Rio de Janeiro participaram do processo de seleção para os jogos. Ao final do processo, 10 atletas foram escolhidos pelo Comitê Executivo do COI para integrarem a primeira equipe formada exclusivamente por esportistas refugiados, um marco na história da competição.

---

<sup>3</sup> “*Their participation in the Olympics is a tribute to the courage and perseverance of all refugees in overcoming adversity and building a better future for themselves and their families*” (UNHCR, 2016, s. p.).



**Figura 1:** Atletas do Time Olímpico de Refugiados e o presidente do COI, Thomas Bach, durante a apresentação oficial da equipe em agosto de 2016

Fonte: COI, 2016.

A criação da equipe de refugiados foi intensamente midiaticizada, não apenas pela presença de atletas refugiados nos jogos, algo que já havia acontecido nas Olimpíadas de Londres, em 2012, mas pelo ineditismo da formação de uma equipe num momento de agravamento da crise migratória global. Notícias anunciando a criação do time e as histórias de vida dos atletas figuraram em órgãos de imprensa nacionais e internacionais, além de produções realizadas pelo próprio COI.

## 2. Uma sociedade em vias de midiaticização

O aumento do fluxo de migrantes e refugiados na contemporaneidade é um acontecimento que atravessa e afeta diferentes campos em virtude de suas dimensões histórica, política, econômica, cultural, subjetiva e também midiática, sendo que a produção de sentidos sobre tal fato social está fundada no contexto da midiaticização em curso.

As transformações que se processam nessa ambiência podem ser percebidas, conforme Fausto Neto (2008, p. 92), nas instâncias de produção, circulação e consumo de discursos, de modo que “a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denomina a ‘cultura da mídia’”.

As lógicas dessa cultura da mídia se tornam uma “referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais”, como argumenta Fausto Neto (2008, p. 93), deixando de ocupar uma posição auxiliar no

contexto social, possibilitando ainda a instituição de diferentes operações de sentido que são cotidianamente construídas, apontando para um novo “feixe de relações”.

Diferente do que se processa na sociedade dos meios, onde as mídias possuíam uma autonomia relativa frente a outros campos sociais, no cenário atual temos a midiaticização como fenômeno que “transcende aos meios e mediações”. Ela viabiliza o surgimento de diferentes enunciações, pois:

[...] desloca a problemática dos meios do âmbito dos campos sociais, e dos próprios meios em si, para a dos processos, complexificando a própria noção de processos midiáticos na medida em que estes passam a ser vistos como geradores de novas estruturas enunciativas, segundo novos elementos de caráter tecno-discursivo. (FAUSTO NETO, 2009, p. 9).

No que tange ao nosso objeto e fazendo um paralelo com o pensamento de Braga (2012), percebemos os atravessamentos que se processam, a partir de uma dinâmica da midiaticização, onde campos originalmente “não-midiáticos” passam a produzir sentidos segundo lógicas e operações do campo das mídias, como no caso analisado a partir das publicações do COI.

### **3. Os refugiados nos Jogos Rio 2016 pelo COI**

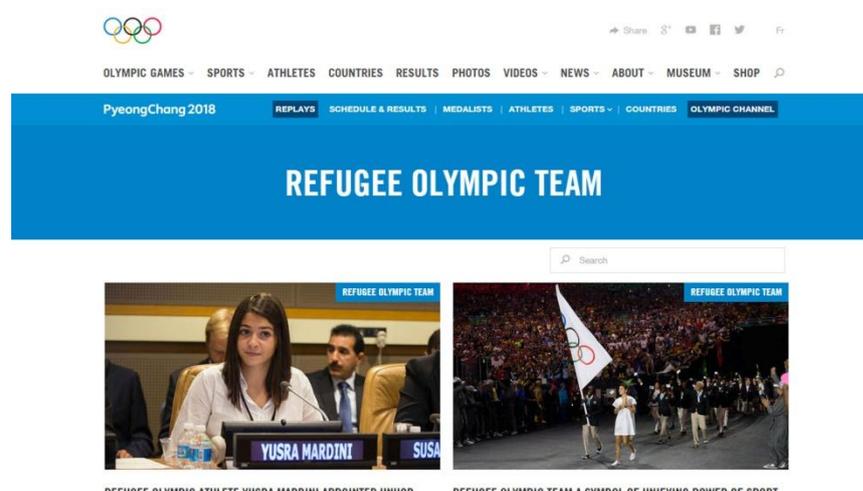
A partir da dinâmica de atravessamentos, onde diferentes campos sociais afetam e são afetados por dinâmicas e operações do campo da mídia, percebemos como os processos sociais passam a ser, cotidianamente, discutidos em variados espaços, como é o caso das migrações e da situação das populações de refugiados.

Deste modo, organizações de outros campos sociais, como é o caso do COI têm a possibilidade de, apropriando-se de lógicas próprias do campo da mídia, produzir discursos e sentidos acerca da questão dos refugiados. Os discursos produzidos pelo Comitê Olímpico trazem referências ao Movimento Olímpico, cujas bases sustentam ideais como solidariedade, fraternidade, inclusão e promoção da paz através do esporte.

Criado em 1892 pelo francês Pierre de Coubertin, o Comitê Olímpico Internacional é resultado de um projeto que visava à reorganização dos Jogos Olímpicos, suspensos desde 393 a.C. pelo imperador romano Teodósio. O projeto do Barão de Coubertin previa a nomeação de um Comitê responsável pela organização dos jogos e criação de um movimento internacional, o Movimento Olímpico, instituído através da Carta Olímpica e constituído pelo COI, que é a autoridade máxima do Movimento, além das Federações Internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais, como está descrito no site da organização: “O objetivo do Movimento Olímpico é contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor

educando os jovens através do esporte praticado sem discriminação de qualquer tipo, em um espírito de amizade, solidariedade e *fair play*.” (COI, 2017, s. p., tradução nossa)<sup>4</sup>.

Analisamos a página *Refugee Olympic Team* que integra o site do COI ([www.olympic.org/](http://www.olympic.org/)), que reúne informações sobre todas as edições de Jogos Olímpicos de verão, inverno e da juventude já realizados na era moderna, além de notícias sobre as próximas sedes de competições (desde Atenas 1896 a Los Angeles 2028). O site apresenta ainda informações sobre esportes e atletas olímpicos, galerias de fotos, vídeos, ações e áreas de atuação do Comitê internacional e dos Comitês nacionais, notícias sobre campanhas, links para um museu e loja virtuais, além de sala de imprensa.



**Figura 2:** Tela principal da página *Refugee Olympic Team*, no site do COI  
Fonte: COI, 2017.

Vinculada ao submenu *News topics* (Tópicos de Notícias), que está, por sua vez, associado ao menu *News*, na página destinada ao Time Olímpico de Refugiados encontramos notícias relacionadas à equipe de refugiados, compostas por textos, fotos e vídeos sobre a equipe, os atletas e suas histórias de vida antes dos jogos, bem como a participação deles nas Olimpíadas e sua atuação após as competições, elevados à categoria de símbolos da luta de milhões de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade como refugiados.

Desse modo, a fim de alcançar os objetivos aqui pretendidos, procedemos à análise das notícias publicadas nas páginas citadas, no período de outubro de 2015 e abril de 2017. Decidimos por um recorte temporal que nos permitisse o contato com informações publicadas antes, durante e depois dos Jogos Olímpicos Rio 2016, obtendo assim 24 notícias publicadas

<sup>4</sup> *The goal of the Olympic Movement is to contribute to building a peaceful and better world by educating youth through sport practiced without discrimination of any kind and in the Olympic spirit, which requires mutual understanding with a spirit of friendship, solidarity and fair play.* (COI, 2017, s. p.).

no site do Comitê Olímpico Internacional. Apresentaremos aqui um dos casos mais significativos para discussão de nosso corpus.

Como estratégia de observação do material empírico, optamos por realizar um estudo de caso, método de investigação empírica que, como define Yin (2015, p. 17), nos possibilita compreender um “fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes.”. Optamos pelo estudo de caso tendo em vista a questão central desta pesquisa onde buscamos compreender o que os discursos acerca do Time Olímpico de Refugiados produzem em termos de construção de sentidos sobre a midiaticização da questão dos refugiados.

#### **4. A produção de sentidos na página *Refugee Olympic Team***

As notícias publicadas na página *Refugee Olympic Team* ressaltam a responsabilização do refugiado por seu deslocamento, desqualificação das múltiplas vivências do contexto migratório, o contraponto entre os perfis individuais versus os grupos de atletas, a construção da imagem do bom refugiado versus o refugiado fora do padrão, o esporte como consolo e inspiração, além da mensagem de esperança e inclusão.

Uma das matérias mais significativas é a publicada em 03 de junho de 2016, com o título “*Refugee Olympic Team to shine spotlight on worldwide refugee crisis*”. Esta é a matéria que apresenta os dez atletas escolhidos para formar o Time Olímpico de Refugiados que competiria dali a pouco mais de dois meses nos Jogos Rio 2016. Logo no início, o enunciador indica as funções da equipe que incluiriam dar visibilidade à crise mundial de refugiados, ser símbolo de esperança para todos os refugiados e trazer a atenção global para a magnitude da referida crise.

No primeiro vídeo os atletas são mostrados durante treinamentos sem, no entanto, serem dadas informações sobre quem são e onde vivem; o foco do vídeo é apresentar as modalidades nas quais eles competirão: atletismo, judô e natação. Os nomes, nacionalidades e países onde estão refugiados e modalidades são descritos ao longo do texto e em vídeos específicos, com duração média de 3 minutos cada, divididos na seguinte ordem: 1) Os corredores sul-sudaneses, 2) Rami Anis (sírio), 3) Yonas Kinde (etíope), 4) Yusra Mardini (síria) e 5) Os judocas congolezes.

O vídeo intitulado “*Fugindo do Sudão do Sul para correr no Rio 2016*” mostra os cinco corredores sul-sudaneses que vivem com refugiados no campo de Kakuma, no norte do Quênia: Angelina Lohalith, James Nyang, Paulo Lokoro, Rose Nathike e Yiech Pur Biel. Na

peça, os atletas relatam os motivos da migração, outros ressaltam as expectativas para os jogos. O primeiro a falar é Yiech Pur Biel que relata ter deixado seu país aos nove anos de idade em decorrência do conflito, não detalhando como foi a partida de casa ou a chegada ao Quênia.

James Nyang, o segundo refugiado mostrado do vídeo relata ter fugido para não ser recrutado como soldado na guerra, ele diz: ““Os soldados estavam procurando pessoas e crianças. Mesmo se você tem 10 anos eles podem te recrutar para se juntar a eles. Então eu vi que não estava bem o suficiente para me juntar a eles e era melhor que eu procurasse outro lugar”” (NYANG, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>5</sup>. Aqui temos algumas informações importantes sobre particularidades da situação no Sudão do Sul: o recrutamento de crianças para atuarem como soldados no conflito e o sentimento de James de não se considerar bom o suficiente para se juntar aos soldados. Essa afirmação do atleta deixa um questionamento: caso ele considerasse estar bem o suficiente para atuar ativamente na guerra, teria migrado?

Rose Nathike, uma das refugiadas que também integra a equipe relata: ““O combate começou em nosso vilarejo e eles fugiram nos deixando ir para outra cidade. Foi quando nós pegamos um veículo e ele nos deixou no Quênia”” (COI, 2016). A jovem não especifica quando ocorreu a fuga, quem são as pessoas que fugiram e permitiram que ela deixasse o vilarejo, nem tampouco informa sobre como ocorreu a migração para o novo país e as adversidades enfrentadas nesse processo, dados ignorados nessa apresentação.

A partir desse ponto os atletas deixam de lado as experiências migratórias e passam a falar sobre os Jogos. Pur Biel e Angelina Lohalith ressaltam a oportunidade de contato com pessoas diferentes durante a experiência na Olimpíada para assim poderem contar aos refugiados do campo com essas pessoas vivem e o que fazem:

‘Vai ser muito bom para nós viver como uma família na Vila [Olímpica], porque quanto mais você vive lá e interage com as outras pessoas você vê como eles vivem, vê como eles estão vivendo com outras pessoas e então, quando você voltar para o seu país, para o Quênia, você conta para os outros [refugiados]: ‘lá eles estão vivendo assim’ e isso vai ser muito bom para essas pessoas’. (PUR BIEL, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>6</sup>.

O desejo desses atletas, expresso através da fala de Pur Biel, nos permite analisar como a vivência do refugiado que está nos campos de concentração é diferente da vivência daqueles

<sup>5</sup> *The soldiers are looking for people and children. Even if you are 10 years old they can recruit you to join them. So I saw that I was not well enough to join them, so it was better that I look for somewhere else (NYANG, 2016, s. p.).*

<sup>6</sup> *It will be very good for us to live as a family in that village, because the more you live in that village the more you interact with other people you see, to see how they are living to see how they are living with other people, then you come back to your country, to Kenya, you tell other people they are living like this, then this becomes a great thing to other people (PUR BIEL, 2016, s. p.).*

que estão do lado de fora. Seu discurso aponta para a curiosidade acerca do que consideram ser a vida normal dos não refugiados: o que essas pessoas fazem? Como vivem esses sujeitos que não estão recolhidos em locais marginais com seu direito de ir e vir controlado por organizações que integram os dispositivos humanitários? Nesse relato identificamos a necessidade específica de contato do refugiado que está nos campos com a normalidade, uma experiência certamente distinta da que Yusra Mardini (nadadora) tem na Alemanha, por exemplo.

Na sequência temos o vídeo de apresentação de Rami Anis, nadador sírio, que deixou seu país em 2011 quando iniciaram os sequestros e bombardeios, como o próprio atleta relata. Na Bélgica, onde reside atualmente, Rami não dá informações sobre como ocorreu sua partida da Síria ou como chegou ao território belga; sua fala está centrada na vivência com outros nadadores e profissionais que atuam no clube onde treina e se prepara para os jogos:

‘Eles me tratam muito bem. Eu falo com eles em inglês. Meu inglês não é muito bom, mas nós conseguimos nos entender. Eles sempre me encorajam a treinar e me ajudam fora da piscina. Se eu precisar de qualquer coisa eles vão me ajudar’ (ANIS, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>7</sup>.

Nesta fala podemos perceber que o bom acolhimento que o refugiado teve no clube belga se sobrepõe à dificuldade de comunicação com os companheiros de treino; ressalte-se que ele não faz menção às relações e experiências na cidade ou com outros moradores do lugar. Rami finaliza seu depoimento expressando o desejo de “transmitir uma boa imagem dos refugiados”, ou seja, reforça um discurso das organizações idealizadoras do time que visa transmitir ao mundo uma imagem socialmente agradável desses sujeitos, uma imagem de refugiados que não apresentam ameaça, pois são dóceis, úteis.

O vídeo sobre Yonas Kinde, maratonista etíope refugiado em Luxemburgo apresenta imagens do atleta durante os treinamentos e também em sua casa, realizando ações cotidianas. Yonas relata ter deixado a Etiópia em virtude de problemas políticos: “‘Havia muitas dificuldades, moralmente, economicamente; era muito difícil ser um atleta e você pode ficar louco algumas vezes se você está em um campo de refugiados’” (KINDE, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>8</sup>. Além de indícios sobre a situação em seu país, o atleta aponta para outro problema enfrentado pelos refugiados: a vida nos campos de concentração de refugiados.

---

<sup>7</sup> *The team I am swimming with have very ethics, they treat me very well. I speak to them in English. My English isn't very good but we can understand each other. They always encourage me to train and they help me outside swimming. If I need anything, they will help with it (ANIS, 2016, s. p.).*

<sup>8</sup> *There are many difficulties, morally, economically; and it's very difficult to be an athlete, and you can be crazy sometimes if you are in a refugee camp (KINDE, 2016, s. p.).*

Em sua fala, o atleta não dá informações sobre como ocorreu sua migração até Luxemburgo ou sobre sua experiência nos campos de refugiados, deixando incerta sua passagem por um deles. Com imagens do atleta em sua casa, preparando e servindo chá, além de *closes* em seus troféus e em uma fotografia antiga, emoldurada, onde ele aparece trajando terno e gravata, temos uma narrativa que remete à ideia de normatização de um sujeito que inspira confiança, sendo inofensivo, dócil e receptivo.



**Figura 3:** Cenas do cotidiano de Yonas Kinde, na Bélgica  
Fonte: COI, 2016

No trecho seguinte, Yonas sinaliza para a dificuldade da vida de refugiado sem, no entanto, detalhar quais seriam, finalizando com otimismo por estar livre, dizendo: “No começo eu não havia entendido que a vida de refugiado era assim. É difícil. Por outro lado, se você for ver, somos livres aqui. Existem alguns problemas com a situação dos refugiados, mas eu lembro que tive uma grande mudança antes, então isso é muito bom” (KINDE, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>9</sup>.

A satisfação pela liberdade pode ser relacionada à fala anterior onde critica a situação de aprisionamento nos campos que podem, inclusive, levar os refugiados à loucura. Como forma de atrelar a experiência do refugiado com a vivência esportiva, Yonas destaca a capacidade de superação do atleta que, mesmo diante de situações muito difíceis pode ter bons resultados, uma fala que reforça a ideologia da meritocracia sugerida aos refugiados que poderiam superar as adversidades se esforçassem para tal.

O próximo vídeo traz a história da nadadora síria Yusra Mardini, refugiada na Alemanha. Durante os quase 4 minutos de filme temos falas da atleta e de seu treinador, Sven Spannekrebs, além de inserções de caracteres com informações sobre a jovem, não existindo

<sup>9</sup> *At the beginning, I didn't realise that the refugee life was like this. It was difficult for the moment. The other side, if you see, is we are free here. There are some problems with the refugee situation; but I remember I have a big change than before, and it's very good (KINDE, 2016, s. p.).*

nenhuma menção ao fato dela ser refugiada; em nenhum momento do vídeo Yusra se define como refugiada, sendo todo o foco da narrativa voltado para a atleta e não para a migrante.

O vídeo inicia informando que a jovem de 17 anos deixou a Síria e vai competir nos Jogos Olímpicos integrando o Time Olímpico de Refugiados, equipe descrita por ela como um time “para atletas que deixaram suas casas porque as perderam e que desejam continuar a serem atletas”, silenciando inclusive o discurso oficial do COI que atribui a criação da equipe à necessidade de chamar atenção para a crise migratória.

Yusra fala de modo descontraído e positivo sobre a conexão com outros jovens alemães e os desafios com o idioma, que são superados com bom humor; o treinador fala sobre o bom estado mental da atleta e sua técnica na piscina. Com grande destaque para a ideia de mérito/sucesso, a jovem diz que pode alcançar o que quiser, pois está “trabalhando duro” para isso. A única menção ao seu país de origem aparece quando ela afirma: “Aqui [na Alemanha] não é como o meu país, pois o meu país não pode oferecer tudo isso. Aqui eles estão oferecendo muitas coisas e podem ajudar você a seguir o caminho certo. E sim, eu posso fazer aquilo que eu quiser” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>10</sup>. Esta fala é particularmente interessante por apontar para a ausência do sentimento de pertencimento da jovem em relação à sua terra natal, bem como ao nível de adaptação ao novo país.



**Figura 4:** Yusra Mardini juntamente com outros adolescentes alemães, numa imagem que sugere a boa integração na jovem síria no país onde está refugiada.

Fonte: COI, 2016

Ao considerarmos a origem síria da jovem, percebemos que existe todo um contexto discursivo que é amplamente midiaticado, seja através das mídias tradicionais, seja por meios alternativos, que associa os migrantes desse país ora a vítimas que merecem compaixão, ora a

<sup>10</sup> *Here is not like my country, because my country can't offer all of that, but here they are offering a lot of things and they can support you the right way. And yeah, I think I could do whatever I want to (MARDINI, 2016, s. p.).*

---

sujeitos que remetem ao perigo das ameaças terroristas e que, por isso, devem ser evitados a todo custo. Assim, entendemos que a fala de Yusra indica uma tentativa de distanciamento em relação ao passado, buscando se desvincular desse discurso previamente construído acerca dos migrantes do seu país, ignorando inclusive o estatuto de refugiada, centrando-se apenas na identidade de atleta, o que fica demonstrado na fala de encerramento do vídeo: “Você é um atleta; você não pensa se é sírio, se vem de Londres ou da Alemanha” (MARDINI, 2016, s.p., tradução nossa)<sup>11</sup>.

O último vídeo traz a apresentação dos dois judocas congolezes: Popole Misenga e Yolande Mabika. Sem relatar o processo migratório dos dois refugiados que vivem no Brasil, temos aqui, de modo mais evidente, as falas de Geraldo Bernardes, treinador dos dois no Instituto Reação, clube de judô carioca onde se preparam para as Olimpíadas. É Geraldo quem fala *sobre* e *pelos* atletas, é sua voz que narra as dificuldades de socialização dos dois quando chegaram ao instituto:

“Quando Popole chegou ao Instituto Reação ele mostrava uma agressividade pouco controlada que resultou em um clima de hostilidade entre os demais atletas e ele. Eu fui obrigado, ao saber dessa história, a fazer uma reunião com meus atletas e falar para eles o porquê. Eles entenderam e essa animosidade acabou. A Yolande também tinha certa agressividade no início” (BERNARDES, 2016, s.p.).

A relação entre a agressividade e a condição de refugiado fica apenas implícita da fala do treinador. As poucas vezes em que é dado espaço de fala aos atletas no vídeo, ele se restringem a comentários sobre aspectos esportivos, como, por exemplo, a qualidade técnica do judô praticado no Brasil e não fazem referência às suas experiências migratórias; por apresentarem, naquele momento, um perfil distante daquele do refugiado ideal, eles perdem o direito à voz e passam a ser falados por outros sujeitos.

---

<sup>11</sup> *You're an athlete; you don't think if you're Syrian or from London or from Germany (MARDINI, 2016, s. p.).*



**Figura 5:** Popole Misenga, refugiado congolês, no vestiário do Instituto Reação (RJ) onde treina  
Fonte: COI, 2016.

Os poucos momentos em que é permitido a ambos se manifestarem, seus discursos projetam expectativas em relação à competição e expressam mensagens “aos refugiados em todo o mundo”, com forte apelo motivacional evidenciado, por exemplo, por Popole quando diz: “Você não pode deixar as pessoas acharem isso, que só porque você é refugiado você tem que parar”, ou pela fala de Yolande: “Minha mensagem para os refugiados do mundo é para não perderem a esperança e continuarem acreditando, para terem fé em seus corações” (MABIKA, 2016, s.p.).

Nesse caso, temos o silenciamento direto tanto da história da migração, como das próprias vozes dos refugiados que apenas ilustram o vídeo através da execução de golpes e movimentos típicos do judô, tendo pouquíssimo espaço de fala na narrativa. Além disso, todo o discurso reforça o ideal de refugiado esforçado e resiliente, que deve ter fé e esperança de dias mais felizes.

### **Considerações finais**

Nossa pesquisa é desenvolvida tendo em vista a ambiência complexa da midiaticização em curso, o que nos possibilitou observar nosso objeto em um cenário em transformação, onde os atores sociais e a mídia constroem sentidos acerca dos fenômenos sociais a partir de dinâmicas de atravessamentos. Desse modo, as migrações e todo o conjunto de problemáticas e desafios que elas trazem aparecem como temática importante e que precisa ser pensada. Apresentamos aqui uma síntese do que alcançamos a partir das reflexões realizadas acerca dos discursos produzidos pelo Comitê Olímpico Internacional.

Conforme nos diz Fausto Neto (2017), tendo em vista o acelerado processo de midiaticização em curso, não é possível ignorar as interpenetrações discursivas entre diversos

sistemas, uma vez que as “práticas sociais estão entrelaçadas pelas discursividades sociais”. Dentre os aspectos que buscamos elucidar por meio deste trabalho estão a construção discursiva dos refugiados do TOR, com especial atenção aos silenciamentos operados pelas organizações, bem como a normatização desses refugiados por meio do seu enquadramento em um modelo ideal pretendido.

Tal silenciamento decorre da fragmentação da narrativa migratória dos sujeitos, cujo contexto é apresentado de modo parcial. Assim, a organização apenas sinaliza a existência de conflitos e situações que produzem deslocamentos de populações de refugiados, ocultando as particularidades de cada processo, de cada região onde esses deslocamentos ocorrem, sendo que é justamente nelas que devemos encontrar as causas desse fenômeno.

Os perfis construídos a partir das narrativas apontam para a mediação de um sujeito que é herói, na medida em que é capaz de vencer as situações mais adversas, como vimos com os relatos sobre a nadadora síria Yusra Mardini. O refugiado dos discursos é um sujeito útil, pois tem disposição para mudar, ajustar-se ao novo lugar, é resiliente e, por isso, se esforça para adaptar-se à nova vida, como aconteceu com Rami e Yonas.

O risco da mediação de tais modelos pretendidos de refugiados está na desqualificação de outras experiências que eles sugerem. Ao evidenciar um sujeito que é senhor de seu destino, capaz de sozinho, resolver suas questões e que não lamenta suas mazelas, a organização desqualifica as vivências distintas de outros refugiados por meio de discursos que deslegitimam seus sofrimentos quando os colocam em contraste com os exemplos bem-sucedidos dos refugiados olímpicos.

## Referências

BRAGA, J.L. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Mediação**. Org. Jeder Janotti Junior; Maria Ângela Mattos; Nilda Jacks. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

COI. **UN General Assembly includes sport in Post-2015 Sustainable Development goals**. COI, 2015. Disponível em <<https://www.olympic.org/news/un-general-assembly-includes-sport-in-post-2015-sustainable-development-goals>> Acesso em 28 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **The International Olympic Committee: promote olympism in society**. 2017. Disponível em <<https://www.olympic.org/the-ioc/promote-olympism>> Acesso em 26 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Refugee Olympic Team to shine spotlight on worldwide refugee crisis**. Disponível em <<https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-to-shine-spotlight-on-worldwide-refugee-crisis>> Acesso em 06 abr. 2018.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. In: **Matrizes** / Revista de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194/40938>> Acesso em: 02 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia do zigue zague**. In: Anais do I Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2009. v.cd. p.s/n.

\_\_\_\_\_. **Metodologia nas sociedades em midiatização**. (Informação oral). Conferência de encerramento do II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. ONU, 2015. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>> Acesso em 28 jun. 2017.

UNHCR. **These 10 refugees will compete at the 2016 Olympics in Rio**. Disponível em <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/575154624/10-refugees-compete-2016-olympics-rio.html>> Acesso em 31 mar. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.